



Violência contra a MULHER É CRIME

Denuncie
180
 Disque
 Central de Atendimento à Mulher

Violência contra a mulher

A autora trabalha as questões do feminicídio, do assédio sexual e do estupro, caracterizando essas violações, e fornece o suporte da filosofia espírita para enfrentar esses problemas.

Páginas 6 e 7

Jovem espírita participa de projeto na África



Gabrielle Barbosa (ao centro) nos concedeu uma entrevista em que relata sua experiência no Quênia, o impacto de conhecer aquela realidade e suas reflexões sobre Espiritismo e transformação do mundo.

Páginas 4 e 5

Mensagem mediúnica na Bélgica

Fábio Fortes, trabalhador da casa, continua a narrativa de sua participação no movimento espírita de Liège. Ele conta sobre a comunicação que recebeu do mundo espiritual e sua hesitação entre a crença e a dúvida.

Página 3

▼ Editorial

Argumenta sobre a importância do feminismo sob a ótica do Espírito imortal.....2

▼ Nossa gente

Confira algumas das voluntárias que trabalham no IDE-JF.....8

Tarde Festiva

Venha participar da abertura das comemorações do aniversário de 25 anos do IDE-JF! Mais informações no cartaz abaixo.

Comemoração de 25 anos!
 Instituto de Difusão Espírita - JF

5 DE ABRIL | ENTRADA:
 das 16h às 19h | R\$ 15,00

LOCAL: INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
 (Rua Torreões, 210, Santa Luzia)

Consumo à vontade:

- ☉ Café
- ☉ Chá
- ☉ Chocolate quente
- ☉ Suco
- ☉ Bolos
- ☉ Doces
- ☉ Salgadinhos

Ingressos:

- ☉ Recepção IDE-JF
- ☉ Criança até 5 anos não paga

Informações:

- ☉ (32) 98866-7955
- ☉ facebook/idejf

Acesse nossa página: www.ide-jf.org.br



ide@ide-jf.org.br



facebook.com.br/idejf



[@institutodifusaoespiritajf](https://instagram.com/institutodifusaoespiritajf)

Confira as novidades e participe!

Atividades do IDE-JF

Atendimento Fraterno Segunda-feira: 20h Quarta-feira: 19h30 Quinta-feira: 20h Sexta-feira: 14h Sábado: 19h	Quinta-feira: 20h Sábado: 19h Domingo: 9h
Biblioteca Segunda-feira: 19h30 às 21h30 Terça-feira: 19h30 às 21h30 Quarta-feira: 19h30 às 20h30 / Quinta-feira: 19h30 às 21h30 Sexta-feira: 14h30 às 16h Sábado: 18h30 às 20h30	Grupo de Higiene Mental Terça-feira: 20h
Centro de Convivência Beth Baesso (artesanato)*: Quarta-feira: 14h30	Grupo de Meditação Terça-feira: 20h
Curso de Orientação e Educação da Mediunidade – Segunda-feira: 20h	Passe Segunda-feira: 14h30 e 20h Terça-feira: 14h30 Quarta-feira: 20h Quinta-feira: 20h Sexta-feira: 15h Sábado: 19h
Espiritismo para Crianças e Mocidade	Tratamento Magnético – Sexta-feira: 15h e 19h
	Farmácia/CAEC* Segunda, quarta e sexta-feira: 14h às 17h

* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, hora
<i>O Espiritismo de uma forma mais simples</i> – Allan Kardec / IDEJF	Graça Paulino	Domingo, 9h30
<i>Libertação</i> – André Luiz	Maria Aparecida	Segunda, 14h30
<i>Evolução em dois mundos</i> – André Luiz	Carla Temponi	Segunda/terça, 18h30
<i>Parábolas e ensinamentos de Jesus</i> – Cairbar Schutel	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h
<i>Voragens do Pecado</i> – Ivone do Amaral Pereira	Sônia Medina	Terça, 15h
<i>Ressurreição e Vida</i> – Léon Tolstói	José Pires	Quarta, 17h30
<i>Estudos e Apoio aos Médiums</i>	Léia da Hora	Quarta, 18h30
<i>Obras Póstumas</i> – Allan Kardec	Manoel Xavier	Quarta, 18h45
<i>Diálogo com as sombras</i> – Hermínio C. Miranda	Thereza Cristina	Quinta, 19h
<i>O que é o Espiritismo</i> – Allan Kardec	Ricardo Baesso	Quinta, 20h
<i>Revista Espírita 1861</i> – Allan Kardec	Myrian Jorio	Sexta, 20h
<i>Grupo Sexualidade e Espiritismo</i>	Gabriel Garcia e Mylene Santiago	Quarto sábado de cada mês, 16h
<i>Novo Testamento</i> – "Cartas de Paulo"	Fábio Fortes	Sábado, 17h30

Programação de palestras – Março/2020

Quinta às 20h | Sexta às 15h | Sábado às 19h | Domingo às 9h30

Dia	Expositor	Tema
1 (dom)	Ricardo Baesso	Tema livre
5 (qui)	Gabriel Garcia	Planejamento reencarnatório
6 (sex)	Eduardo Batista	Síntese do Antigo Testamento
7 (sáb)	Wanderson Franco	Edificando a gratidão com Jesus
8 (dom)	Anir Barreto	A lei, a ética e a justiça
12 (qui)	André Moreno	Lei de liberdade
13 (sex)	Abigail Guedes	Tema livre
14 (sab)	Humberto Chiaini	Espiritismo e sustentabilidade
15 (dom)	Elson Braga	A escolha das provas
19 (qui)	Ademir Fernandes	Diretrizes contra os medos
20 (sex)	Bruno Braune	Tema livre
21 (sab)	Marco Aurélio	Espiritismo e ecologia
22 (dom)	Antônio Carlos	Na tempestade, superar problemas
26 (qui)	Departamento Doutrinário	Assassinio e criminalidade
27 (sex)	Mylene Santiago	As leis morais
28 (sab)	Departamento Doutrinário	Assassinio e criminalidade
29 (dom)	Graça Paulino	Responsabilidade na adolescência

Feminismo é bandeira de todos!

Os Feminismos estão fundados em preceitos que defendem a igualdade de direitos entre mulheres e homens. Já o Machismo se caracteriza por atitudes preconceituosas e comportamentos que discriminam as mulheres e/ou recusam essa igualdade. Restringir a capacidade de um ser encarnado pelo seu sexo biológico não é mais aceitável em um mundo que evoluiu para outro patamar. A sociedade é estruturalmente machista e misógina, prejudicando a todos.

A mulher é tratada como posse e objeto de desejo, ocupando posições inferiores nas esferas econômica e doméstica, sofrendo agressões psicológicas, físicas e financeiras. O homem também sente os reflexos de uma conjuntura que reprime sentimentos e sensibilidade, especialmente quando vivencia problemas. A masculinidade tóxica produz adultos infantis que não sabem respeitar mulheres como pessoas autônomas. É preciso compreender tal realidade para transformá-la gradualmente através da educação.

São transitórias as experiências no corpo de fêmea, de macho ou de intersexual. Tal distinção não existe no mundo espiritual. Por isso, somos essencialmente iguais, apesar das provações típicas de cada sexo biológico. Quando alguém é machucado, agredido e oprimido por diversas vezes, talvez sua primeira reação mais esperada seja gritar. Vários movimentos pacíficos atuam nesta caminhada pela conscientização da humanidade em prol do equilíbrio e da igualdade.

A compreensão do Espiritismo contraria qualquer retrocesso. Kardec trata o assunto¹ na vanguarda: “a emancipação da mulher segue o processo da civilização, sua escravização marcha com a barbárie”. Mas na sequência há o reflexo do século XIX: “a mulher deve se ocupar do interior e o homem do exterior”. Será que não são todos responsáveis por tais ocupações? A Doutrina Espírita deve atualizar certas interpretações de acordo com o avanço dos costumes.

¹ *O Livro dos Espíritos*, item 822.

Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa
Departamento de Comunicação: Angeliza Lopes Aquino e Gabriel Lopes Garcia
Departamento Doutrinário: Myrianceli Jorio e Geraldo Marques
Departamento Editorial: Allan Gouvêa e Angela Araújo Oliveira
Departamento de Evangelização: Claudia Nunes e Janezete Marques
Departamento Mediúnico: Léia da Hora e Sérgio Chaves Costa
Departamento Social, de Promoção e Eventos: Alessandra Siano e Graça Paulino

Expediente

O IDEAL é uma publicação mensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora – Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG
Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com
Departamento de Comunicação: Angeliza Aquino e Gabriel Garcia
Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG
Editoração: Angela Araújo Oliveira
Tiragem: 500 exemplares
Impressão: W Color Indústria Gráfica – Tel.: (32) 3313-2050
Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF.

Diário de um espírita na Bélgica – Parte II

Continuação da edição anterior.

O Espiritismo não possui sacerdotes, não tem uma estrutura hierárquica, não possui um rito fixo. Por isso, suas práticas variam imensamente, mesmo dentro de uma cidade, de um bairro, de centro para centro, quem dirá em diferentes países. Narro aqui a minha experiência de participar de uma reunião pública em Liège, onde uma mensagem espiritual me foi apresentada naquele dia. Continuando a conversa que tivemos no último texto.

Você procura sua identidade e a luz

“Uma senhora está atrás de você, pode ser sua avó”. Respondo “sim”, quero ouvir mais. Em 2016, faleceu a tia Maria, tia-avó que cuidou da minha mãe, que é órfã. Uma pessoa muito próxima, cujo desencarne foi bastante triste e doloroso. Passei com ela muitos dos seus últimos dias no hospital, nos sábados à noite. Penso comigo: poderia ser a tia Maria? “Ela não teve estudos, e viveu uma vida difícil”. A mensagem ainda faz sentido, considerando que a tia Maria pouco estudou, viveu com sua pequena aposentadoria de cozinheira até os últimos dias, de forma modesta. “Ela amava os almoços em família, o compartilhamento, apesar dos poucos recursos”. Isso definitivamente me faz lembrar da tia Maria. Sinto um aperto no peito, lembro-me dos almoços em sua casa, com todos os primos, mesmo aqueles distantes. Lembro-me das tardes, visitando minha mãe, ela levando um bolo ou pastéis. O nome é saudade. Meus olhos se enchem

de lágrimas.

Em seguida, a médium apresenta a mensagem que ela traz para mim, que, na verdade, poderia ser para muitos que agora estão me lendo, por isso tomo a liberdade de compartilhar.

“Você procura a sua identidade e a luz. Você tem em si as capacidades. Você foi feito para colaborar e ajudar os próximos. Acredite no potencial que existe em você. Você lê os livros e diz: eu já sei o que está aqui. Não há necessidade de pesquisar nos livros o que está dentro de você. Encontre consigo mesmo em si mesmo”.

A mensagem não resolve os meus problemas íntimos, não substitui o trabalho pessoal a ser feito, mas responde, sem dúvida, as inquietações que me assaltam, a dúvida, a descrença e a decepção que, por vezes, sinto. Assim a sessão continuou. Não havia vozes impostadas, grandes exhibições de emoção. As pessoas que se emocionavam eram atendidas.

Clareza e dignidade

O Espiritismo praticado aqui é simples, conectado com o intercâmbio com os Espíritos. Ao longo da sessão, as mensagens são alternadas, entre o que chamamos de psicometria – isto é, a médium descreve a personalidade, o lugar, o ambiente construído pela mente do Espírito comunicante – a psicofonia – as mensagens orais propriamente ditas – e a psicografia. A maior parte das pessoas, como eu mesmo, respondia “sim” ao serem interpeladas.

Fábio Fortes

Mas alguns disseram “não”. Os médiuns sentados à frente parecem participar de um jogo, de um enigma ou charada. Eles não sabem se o que dizem faz ou não faz sentido para as pessoas, mas a revelação de que os detalhes que apresentam é convincente para a maior parte das pessoas. Isso é uma espécie de alívio. Melhor que isso, é verdadeiramente consolador.

Fico pensando sobre o Espiritismo como Consolador. Não havia ali histeria, filas de pessoas endeusando um médium ou orador famoso, ou frenesi ligado ao espetáculo da mediunidade. Não. A prática era simples, sem afetação, honesta diante das pessoas, sem pretensão. No final, a médium e atendente fala das atividades da casa. Cursos de desenvolvimento da Mediunidade nas quartas, reuniões como esta, pública, três vezes por semana. Reunião para iniciados uma vez por semana. Apresenta-se *O Livro dos Espíritos*. Apresenta-se a *Revista Espírita*, ainda publicada na França, a cinco euros. Apresenta-se o livro de mensagens da Joanna de Ângelis, “a quem muito me sinto conectada”, confessa a médium. Preces lidas no final, com tranquilidade, clareza e dignidade. A reunião está encerrada, duas horas depois. Mas antes disso um alerta: os recursos que se são obtidos vão para as atividades de atendimento aos desabrigados. “Precisamos de doações de cobertores e alimentos. Nessa semana, duas pessoas morreram de frio”. A caridade é também o lema por aqui.

QUÍMICA
Consultoria e Monitoramento

Dário
Técnico Químico
CRQ-024001598

Rua Américo Lobo, 746/202
Bairro Manoel Honório
CEP 36045-050 - Juiz de Fora - MG

(32) 3211-5765
(32) 9946-5424

Livraria IDE-JF

Segunda, Quarta, Quinta
19h30 às 21h30

Sexta 14h30 às 16h

Sábado 18h30 às 20h30

Confira obras de nossa
editora e de autores da casa

(32) 3234-2500

Lucilia Brigato
cirurgia plástica, estética e reparadora

Consultório:
Av. Rio Branco, 2817/1701 - Centro
32 - 3217-8191 | 32 - 9 8871-8191
CEP 36010-012 - Juiz de Fora - MG
2ª - 14h às 18h30 | 5ª - 14h às 16h30

Psicologia Clínica
Gestalt Terapia

Danielle Machado Guimarães
CRP 04/42884
(32) 99126-0425

Lilian Barcaro Machado
CRP 04/49907
(32) 99180-7077

Ψ

Atendimento ao
público infantil,
adolescente e adulto

O IDEAL ENTREVISTA

Gabrielle da Silva Barbosa

Gabrielle tem 22 anos e cursa Medicina na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde ajudou a fundar o cursinho popular Garra. Coordena Mocidade na Casa Espírita e trabalha no Bate-Papo promovido pelo IDE-JF. Voluntária do Projeto São Lucas da ONG Aban – Associação dos Amigos, foi para o Quênia em janeiro com a ONG *Marafiki*, com um grupo de médicos e estudantes brasileiros de Medicina, para trabalhar nas instituições parceiras.

O IDEAL: Como descobriu o projeto?

Gabrielle: Um dos motivos que me levou a escolher a Medicina foi porque nessa profissão consigo facilmente impactar a vida de alguém, o sentimento de ser útil. Estou finalizando o curso e pensei que nestas últimas férias antes de formar e da maratona de internato, queria alguma coisa que me lembrasse desse propósito. Pesquisei na internet e descobri por acidente essa ONG do Quênia e vi que tinham essa parceria com médicos do Brasil. Entrei em contato com pessoas que já tinham ido em anos anteriores, estudantes e médicos, e todos responderam que seria uma experiência "divisora de águas" na vida. Eu queria ter a experiência cultural de conhecer a África, que sempre foi um grande desejo meu, e uma necessidade muito grande de renovar os meus propósitos, ter uma injeção de motivação para terminar o curso e algo que pretendo manter na minha vida. Eu fiquei em Nairóbi, a capital, e no interior do país, quase na fronteira com a Tanzânia, numa tribo que se chama *Massai Mara*, dentro de um parque nacional.

O IDEAL: Quais eram as suas expectativas antes de partir? Foram confirmadas?

Gabrielle: Conversando com outras pessoas que já tinham ido, eu imaginava que fosse encontrar pessoas muito simples em termos materiais, que não têm quase nada e ao mesmo tempo extremamente felizes. Todos os que foram me diziam que era um nível de pobreza que dificilmente a gente via no Brasil, mas eram pessoas extremamente gratas. Lá me deparei com uma realidade muito parecida, ainda mais extrema. Apesar de fazer trabalho voluntário em Juiz de Fora em bairros muito pobres, eu cheguei lá e vi um nível de pobreza que é impossível ser mais pobre do que aquilo. Crianças pequenas choraram quando me viram. Perguntei sobre o motivo e me responderam que elas nunca tinham visto pessoas brancas. Pessoas adultas que nunca tinham ido a um médico, era o primeiro contato com a Medicina. Nunca tinham visto um estetoscópio, um esfigma de aferir a pressão [arterial]. Isso foi muito chocante. Quando fomos atender na tribo, havia pessoas andando há dias para receber nosso atendimento, inclusive

da Tanzânia. Talvez nem conheçam outra realidade. Fico refletindo sobre a posse do necessário para a felicidade... O índice de mortalidade é muito alto. Na cidade, não se vê idosos. Em Nairóbi, fica *Kibera*, considerada a maior favela do mundo, com mais de dois milhões de moradores. Nunca vi nada parecido: são casas feitas de lixo, de placas de metal, cubículos escorados uns nos outros para se sustentarem; chão de terra e com buracos onde passa esgoto, e do lado disso alguém com uma fogueira fazendo comida.

O IDEAL: É possível mudar o mundo ou é apenas um romantismo ingênuo?

Gabrielle: Essa viagem me fez refletir sobre isso e ver que, qualquer Espírito, por mais evoluído que seja, que veio à Terra com alguma missão, não conseguiu mudar o mundo porque a questão é mais profunda... o problema somos nós, os seres humanos e os erros que cometemos. Se eu posso fazer alguma coisa, que eu não deixe o meu coração entrar na zona de conforto e não fazer. Foi uma reflexão nesse sentido. Nunca vou mudar a estrutura do Quênia e deixar todas aquelas pessoas com condições mais confortáveis de vida, mas eu posso fazer o que está ao meu alcance para deixá-las com uma qualidade de vida melhor, se não estiverem sentindo dores, sem vermes nem a carência nutricional. É um problema estrutural cuja dimensão não tenho poder para mudar. Não podemos deixar se apagar na gente essa chama e essa vontade de fazer alguma coisa por alguém.

O IDEAL: Como dialoga tua experiência naquela realidade com sua formação espírita?

Gabrielle: Percebi entre os voluntários que tinham um ideal muito forte de quem foi criado dentro de uma filosofia que motivava a fraternidade, gente de várias religiões. Eu acho que ter sido criada no contexto espírita, de uma família presente no Espiritismo, ter vivido dentro do centro espírita, construiu em mim ideais que não me permitem fechar os olhos para as desigualdades que vejo. O Espiritismo esclarece que qualquer ser humano é irmão, toda pessoa ao meu redor é meu próximo. É uma sensibilidade que trouxe para mim. Os problemas que vi no Quênia são decorrentes de

Espaço reservado para a sua publicidade

Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF

Espaço simples
R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
R\$160,00 (trimestre)



(32)3232-5672
(32)3061-7878
(32)8831-2477



seres humanos que foram cruéis com aquele povo. Estão independentes há pouco mais de cinquenta anos e vemos a história se repetir, e desde então apenas um grupo está no poder, se revezando, uma elite econômica que não se preocupa com o fato de haver pessoas que não têm nada. No final das contas, me faz ver que a questão do mundo ainda é o nível evolutivo de nós Espíritos encarnados. Ao mesmo tempo vejo que estamos progredindo, existem pessoas que fazem trabalhos grandiosos. Por exemplo, o governo do Quênia não dá os remédios do coquetel contra o HIV para ninguém, mas muito pacientes conseguem por causa da ONG Médicos sem fronteiras. Grande parte da população sobrevive graças a eles, que distribuem a medicação todos os meses. A ONG *Marafiki* é dirigida por um queniano privilegiado que assim se reconhece e faz um trabalho grandioso com voluntários do mundo inteiro.

O IDEAL: Essa experiência te estimula a fazer o bem ou seria apenas caridade de caráter paternalista?

Gabrielle: Muita gente pensa assim. Uma das coisas que me motivou a ter essa experiência é a busca de um propósito na vida que inclui uma profissão com a qual me identifico e tenho prazer, ao mesmo tempo em que sinto que posso levar para um estilo de vida. Eu não preciso estar dentro de um consultório para poder atender alguém, minimamente dar alguma resposta em termos de saúde para quem não tem acesso a nada. Essa experiência só reafirmou dentro de mim este propósito, vendo muitos médicos fazendo isso, que dedicam parte do seu ano, da sua vida, do seu dinheiro, do seu tempo, para estar ali por quem não tem nada. A gente vive em um país privilegiado em termos de saúde, porque mesmo a pessoa mais pobre de todas tem acesso a médico, realiza cirurgias, mesmo que enfrente filas, tem acesso a medicamentos, inclusive para tratar o HIV; temos a vigilância epidemiológica e uma vigilância sanitária maravilhosa, que é SUS. No Quênia, não tem nem sistema público de transporte, quem dirá de saúde. São pessoas que nunca viram um médico, então dá um sentimento... às vezes frustrante, por não poder fazer mais; mas é um sentimento gostoso de, poxa, é por isso que estudei tanto tempo e vou estudar ainda mais.

O IDEAL: Acredita que tua experiência na África impacta a sua leitura sobre o processo de transição para mundo regenerador?

Gabrielle: Eu acredito que vemos hoje ações de provas e expiações e também ações de regeneração. Essa experiência de ver pessoas que dedicam a vida ao projeto social, em prol de melhorar a vida de outras pessoas... é quando você tem a sensação: esse é o mundo de regeneração na Terra! Em nosso cotidiano, às vezes focamos nas coisas ruins e nos problemas do país, nas discussões políticas; mas quando vemos pessoas que dedicam a vida para o outro é muito inspirador. Não que eu tenha feito nada grandioso. Eu vi pessoas que fazem coisas incríveis.

O IDEAL: Encontrou algum espírita?

Gabrielle: Quênia é um país muito tribal e religioso. As pessoas das cidades são católicas e as do interior são de religiões tribais. Eu perguntei para muitas pessoas se conheciam o Espiritismo, porque me perguntavam de minha religião. Quando eu falava que era espírita, elas desconheciam. As religiões tribais são espiritualistas, têm uma ideia forte de espíritos protetores, de vida após morte e de reencarnação. Nas tribos em que essa cultura é ainda marcante, quando alguém se aproxima da morte, consideram que está perto de dar o próximo passo da evolução. De certa forma, celebram a morte porque consideram que a pessoa viveu uma grande vida. Não veem a morte como um final.

O IDEAL: O Espiritismo te ajudou a interpretar aquele contexto?

Gabrielle: Quando a gente é espírita, a Doutrina faz parte de quem somos e da nossa formação, não tem como desvencilhar. Ninguém está em regime de exceção, estamos evoluindo e expiando nossas mazelas. Faz refletir sobre muitas coisas... a felicidade não se encontra em nada material. Precisamos ver irmãos nos Espíritos que nos cercam, de uma família universal. Ser grato pelas oportunidades que temos de crescimento. A pessoa que voltou da África está se esforçando para cada dia ser mais grata a tudo que tem; mais motivada para seguir e manter esse propósito de vida de manter algo no sentido de trabalho social, que envolva Medicina e contato com os desfavorecidos; olhando ainda mais para dentro de si, para dar valor às coisas que não são materiais; voltou com uma visão de família universal, porque as pessoas lá são tão amigáveis. Quando você convive muitos dias com elas, vai desenvolvendo um laço, vê que deveríamos ser todos juntos no mundo. As fronteiras que nos dividem são criações artificiais, afinal somos todos Espíritos evoluindo.

O IDEAL: Qual pergunta não te fizemos e você gostaria que tivesse sido feita?

Gabrielle: Uma pergunta que todo mundo pensa: por que lá e não aqui? Temos muitos problemas.

O IDEAL: Por que foi fazer esse trabalho lá no Quênia e não aqui no Brasil?

Gabrielle: Uma escolha não exclui a outra. Eu ter feito esse trabalho lá durante um mês não muda o fato de toda semana eu ter compromissos de trabalhos voluntários aqui no Brasil. Eu escolhi ir para lá também, além do que já procuro fazer aqui, porque lá são pessoas que nunca viram um médico, alguém para cuidar da saúde deles. Eu não vejo a diferença entre meu próximo daqui e o de lá.

**Espaço reservado para
a sua publicidade**

**Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF**

Espaço simples
R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
R\$160,00 (trimestre)



SHEILA SOARES PIRES
Psicóloga CRPMG 22989

PSICOLOGA CLÍNICA | NEUROPSICOLOGIA
Adolescente, Adulto e Idoso

32 9 9928-2707
sheila.pires33@gmail.com

Espaço reservado para a sua publicidade

**Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF**

Espaço simples
R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
R\$160,00 (trimestre)

Igualdade entre mulher e homem: a lei do progresso

Mylene Santiago

Recentemente fui convidada a refletir sobre a questão do assédio sexual, do feminicídio e do estupro junto a um grupo que discute tais temáticas à luz do Espiritismo. Confesso que achei o desafio duro e me coloquei diante de algumas indagações: o que a Doutrina Espírita teria a nos falar sobre a violência contra a mulher? Qual o papel de nós espíritas perante essa temática?

Para início de conversa, temos que assumir que a violência contra a mulher é uma realidade existente em diferentes culturas e civilizações, que são conhecidas e narradas historicamente há séculos. De acordo com fontes historiográficas, o Brasil foi “inventado” a partir do sofrimento de suas mulheres e é importante não esquecermos esta história, para que possamos encarar nosso passado e aprendermos com ele. O país precisa se reconciliar com sua história. Apenas dessa forma, segundo Anaquiri (2018) saberemos lidar com criatividade sobre a verdadeira história de como “minha avó foi pega a laço”.

Em um texto literário, intitulado *Você não mais me prenderá no seu laço*, Tuxá (2018) apresenta o seguinte depoimento:

É por minhas antepassadas que escrevo e sinto a necessidade de falar. A minha bisavó foi “pega no laço” como dizem, é por ela que escrevo. Teve uma única filha, fruto do estupro, e uma vida marcada por violências. Era mãe solteira. Pobre. Benzedeira. Mais uma “cabocla” vítima desse sistema que nos causa tanto trauma. Ela não podia reclamar, pois se hoje somos culpadas pelas violações que sofremos, imagine naquela época. Ninguém perguntou para ela como era ser ela, por isso hoje rememoro sua biografia antes silenciada.

Curioso destacar o número de vezes que ouvi pessoas pronunciarem tal frase com certo orgulho ou indiferença ao seu real significado. É hora de assumir que frases desse tipo são frutos de silenciamentos e naturalizações históricas de violências que perduram ainda hoje.

Nesse contexto, de acordo com Menezes (2016), não seria exagero afirmar que o primeiro mestiço nascido nesta terra, o primeiro “brasileiro”, pode ter sido o fruto do estupro de uma índia por um português. Nossa nação foi engendrada sob o signo do estupro cotidiano, corriqueiro e impune de indígenas e africanas. A violência sexual contra a mulher faz parte, portanto (infelizmente), de nossa história como nação.

Nos dias atuais, diariamente a mídia apresenta casos de assédios, agressões, mortes cujas vítimas são mulheres. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2018), por dia, são registrados mais de 600 casos de violência contra a mulher; a estimativa das autoridades é de 20 feminicídios por semana. Tais números podem ser ainda maiores, visto que muitas mulheres não denunciam e muitas mortes são ocultadas, delegando ao Brasil a triste realidade de ocupar o 5º lugar no mundo em número de casos de feminicídio.

A título de esclarecimento, feminicídio é o homicídio praticado contra a mulher em decorrência do fato de ela ser mulher (misoginia e menosprezo pela condição feminina ou discriminação de gênero, fatores que também podem envolver violência sexual) ou em decorrência de violência doméstica. No contexto brasi-

leiro, o tipo mais comum de feminicídio é decorrente da violência doméstica ou é praticado junto a ela, ou seja, quando o homicida é um familiar da vítima ou já manteve algum tipo de laço afetivo com ela.

Feitas as devidas contextualizações, volto a indagar: será que estamos fazendo tudo ao nosso alcance no combate ao feminicídio e à violência contra a mulher? O que a Doutrina Espírita tem a nos dizer? Em primeiro lugar mulheres e homens precisam se unir pela igualdade de direito entre gêneros, como ação para a construção de um mundo melhor, como orienta o Espírito Erasto: “lançai-vos em cruzada contra a injustiça e a iniquidade” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XX, item 4).

A fé raciocinada pressupõe que lancemos mão dos ensinamentos de Jesus e dos Espíritos superiores para o nosso cotidiano, visto que reencarnamos em corpos femininos ou masculinos de acordo com as nossas necessidades de vivência e de aprendizado. Em 1857, quando Allan Kardec perguntou aos Espíritos sobre os direitos dos homens e das mulheres, obteve como resposta: “Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?” (*O Livro dos Espíritos*, item 817). Ao serem perguntados: “donde provém a inferioridade moral da mulher em certos países?”, os Espíritos esclarecem: “Do predomínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados, a força faz o direito” (*O Livro dos Espíritos*,

**Espaço reservado para
a sua publicidade**

**Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF**

Espaço simples
R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
R\$160,00 (trimestre)

**ESCRITÓRIO
DE ADVOCACIA**

Anir Batista Barreto
Advogado OAB MG 128198

Av. Barão do Rio Branco, 1863/706
Centro - Juiz de Fora/MG
Ed. Top Center
(32)32157686 | 91042699
e-mail:anirbarreto@ig.com.br



**GRUPO
REZATO**

questão 818). Importante compreender que a relação entre força e fraqueza, pontuada na resposta dos Espíritos, não se dá por vias biológicas ou físicas, mas nas relações de poder instituídas culturalmente, produzindo hierarquias em que uns se sobrepõem a outros.

Importante ressaltar que a mulher que sofre agressão é vítima e que nos compete vê-la como tal. “Deus a uns deu a força, para protegerem os fracos e não para os escravizarem” (*O Livro dos Espíritos*, item 820). Mais do que nunca, a sociedade precisa parar de justificar o injustificável, colocando a culpa da violência sobre a própria mulher. Estamos provisoriamente em corpos femininos ou masculinos. Enxergar a mulher com igualdade será uma das marcas do progresso de nossa humanidade. Lembremos que “todo privilégio a um ou outro concedido é contrário à justiça. [...] A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização, sua subjugação marcha com a barbárie” (*O Livro dos Espíritos*, resposta 822a).

Fechar os olhos à violência contra a mulher é lavar as mãos sobre um problema que ceifa vidas, famílias e faz crescer o mal. Nossa conscientização é necessária, esse tema precisa ser refletido em centros espíritas e demais instituições religiosas, através de campanhas, palestras, rodas de conversa, para ajudar as vítimas e os agressores que queiram mudar de conduta.

Outra questão que merece atenção é a falta de ação de quem sabe ou presencia situação de violência contra a mulher, na medida em que sabemos que auxiliar quem precisa de socorro é um ato de caridade. “Cumpra-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo o mal que haja resultado de

não haver praticado o bem” (*O Livro dos Espíritos*, item 642). Podemos acrescentar ainda que “segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira podem constituir um dever, pois mais vale caia um homem, do que virem muitos a ser suas vítimas” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo X, item 21).

Educar nossas crianças e jovens, a fim de que não pratiquem nem sofram violência, é uma de nossas responsabilidades. A melhor forma que os adultos têm para educar é através do exemplo e da vivência de relações respeitadas com seu próximo.

Por outro lado, o progresso da legislação humana pode auxiliar o processo de justiça, enquanto a humanidade permanece refratária aos avanços morais. Exemplo disso é a Lei 11.340/2006, conhecida como “Lei Maria da Penha”, cujo objetivo principal é estipular punição adequada e coibir atos de violência doméstica contra a mulher. Desde a sua publicação, a lei é considerada pela Organização das Nações Unidas como uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento à violência contra as mulheres. Além disso, segundo dados de 2015 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a Lei Maria da Penha contribuiu para uma diminuição de cerca de 10% na taxa de homicídios contra mulheres praticados dentro das residências das vítimas.

Sabemos que o respeito instituído por força de leis humanas ainda não é suficiente para o avanço moral dos indivíduos e da sociedade como um todo. Através da Lei do Progresso (*O Livro dos Espíritos*, item 800), a espiritualidade nos aponta que “as ideias se modificam pouco a pouco, de acordo com os indivíduos, e são necessárias gerações para apagar completamente os traços dos velhos há-

bitos. A transformação só pode, portanto, se operar a longo prazo, gradualmente, passo a passo. A cada geração uma parte do véu se dissipa”.

Na condição de espíritas, somos convidados a assumir nosso papel, primeiro como reformadores de nós mesmos, desfazendo-nos de masculinidades tóxicas e de feminilidades subalternas, para então impulsionarmos o progresso humano a partir de testemunhos direcionados para a justiça e a caridade, que, no caso em estudo, significa compreender a igualdade entre mulheres e homens, na esfera humana e espiritual.

Referências:

ANAQUIRI, M. P. M. S. “Minha avó foi pega no laço”: a questão da mulher indígena a partir de um olhar feminista. In: Anais do II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 752 - 763.

MENEZES, Cynara. A cultura do estupro não só existe como está em nosso DNA enquanto nação. Disponível em: <https://www.socialistamorena.com.br/cultura-do-estupro-no-brasil-em-nosso-dna/>.

TUXÁ, Eduarda. Você não mais me prenderá no seu laço. Disponível em: <http://aldeialiteraria.blogspot.com/2018/05/voce-nao-mais-me-prendera-no-seu-laco.html>.

O que o espiritismo tem a nos dizer sobre feminicídio e violência contra a mulher? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7kg49fUWG44>.

Espaço reservado para a sua publicidade

Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF

Espaço simples
R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
R\$160,00 (trimestre)

Lais Marques

COACH DE DESENVOLVIMENTO
PESSOAL E PROFISSIONAL
☎ (32) 9 8885-0014 @ laismarx_coach

*Se você deseja ter resultados efetivos
em curto intervalo de tempo,
eu posso te ajudar!*

Coach é ideal para você que quer:

- ▼ Potencializar suas habilidades e competências
- ▼ Conquistar novas oportunidades de trabalho
- ▼ Ter mais foco
- ▼ Alcançar metas e objetivos

CEO DO PROJETO
Eyulibro
Educação | Consultoria | Mentorias

Espaço reservado para a sua publicidade

Anuncie aqui
(32) 3234-2500
IDE-JF

Espaço simples
R\$ 80,00 (trimestre)

Espaço duplo
R\$160,00 (trimestre)

Homenagem a algumas trabalhadoras do IDE-JF

